

A confirmação poética do talento de João Ricardo Lopes

em contra o esquecimento das mãos

Se para muitos a arte de escrever poesia é pôr meia dúzia de frases no papel ou simplesmente um pretexto de entrar nos *lights* do universo mediático, para os poetas – os verdadeiros poetas como será efectivamente o caso de João Ricardo Lopes – não o será. Comprova-o a sua obra poética em crescente evolução. Esta evolução dá-se, aliás, na proporção lírica que confunde em muitas circunstâncias o *eu poético* e o *nós universo* e, de uma forma agudamente inteligível, nos conduz ao esplendor edénico da beleza e da arte.

Um ano após a edição de **a pedra que chora como palavras** (Prémio Revelação de Poesia Ary dos Santos) e do **além do dia hoje** (Prémio Nacional de Poesia da Vila de Fânzeres), a infância literária de João Ricardo Lopes se adulta um tanto provocatória e inquietante com, sobretudo, uma finura lírica indelevelmente apaixonante que nos vem lembrar Cesário Verde ou Camilo Pessanha sem que, contudo, tenhamos o propósito de nos imiscuir em intertextualidades literárias. Intemporal, a poesia antecede a música e precede a oralidade: a incursão poética de João Ricardo Lopes não se desfecha em meras referências mitológicas, antes pelo contrário, em recriações semânticas de tropos, verbos e qualificativos que lhe vão conferindo uma certa depuração e, em certas sequências, lhe emprestam uma musicalidade e ritmo impressionantemente ímpares.

Ao leremos a obra deste autor, caminhamos numa insatisfeita viagem para o amor – amor sem o excessivo *petrarquismo* -, e quase nos obriga a desaguar na legítima cidadania das emoções sentidas no decurso desse caminho para o qual nos convida a trilhar. Ler-lhes os versos é ver como:

*desmoronam-se as carnes
e outro não é o oráculo
senão a raiz sagrada das pedras*

*o princípio e o fim
existem no seu silêncio
e mais longe do que é possível
uma própria voz
e uma própria alma*

A obra de João Ricardo Lopes nomeia-se entre os mais talentosos poetas da lusofonia da sua geração, pese embora nos ocorra segredar que redescobrimos com este autor um lirismo profundo em que o tu, mulher amada, aparece em segundo plano quase em paralelo com um tónico à inquietude do poeta cujo plasma poético nos induz à reflexão.

Neste **contra o esquecimento das mãos** o autor percorre os salmos da humanidade que o rodeia e sobe eles se exprime melancolicamente:

*entre pélagos sombrios, onde
nada existe ou existiu
juntamos cuspo e terra para
essas ilhas
de exacta luz e exacta embriaguez*

De uma inovação singular, João Ricardo Lopes apresenta-se como um poeta do futuro, com uma linguagem profundamente penetrante e um estilo que, sem recorrer ao da poesia arcaica (a chamada *clássica*), se apresenta moderno e erudito com belas imagens poéticas o que nos permite antever um poeta de labor estético prometedor.

Com **contra o esquecimento das mãos** estamos plenamente com João Ricardo Lopes, um homem/poeta que desta vez (mais uma vez) põe a sua sensibilidade criadora ao alcance do leitor e mobiliza a sua visão ao testemunho da difícil arte de existir. Os termos com que aglutina os elementos que definem a sua poesia, a sua modulação obedecem às mesmas solicitações: as da sua apurada sensibilidade artística, visto que escrever poesia é perguntar:

*qual é o futuro?
qual é o medo?
qual (ainda) o destino?*

Disto, precisamente, surge a poesia de João Ricardo Lopes como uma arte na arte de escrever poesia pois, não se afigura fácil de ser poeta. Daí existirem pouquíssimos verdadeiros poetas na nossa lusofonia. Escrever um belo poema exige ao poeta um estado emocional que não é vulgar, que se compadece com o estado do sujeito poético narrado, pois este vai acontecendo na intimidade

do poeta até tornar-se parte intrínseca dele e da sua poesia. Acontece para emocionar o leitor não para impressioná-lo porque:

assim falou o sábio:

*as palavras duram
um tempo exacto
enquanto apetecido lhes houver
de ser o pão*

Esteticamente em **contra o esquecimento das mãos**, o autor preferiu dar as suas pinceladas em estrofes solitárias, parelhas, tercetas e quartetas dotados de sentido e significação próprias – ora telúricas: *o cheiro do mar explode nas narinas/ as águas correm lisas*; ora puramente líricas: *esqueceram-se dele/ e ele esqueceu-se de si* – que semântica e retoricamente se cruzam através de imagens e motivos que formam o retrato do universo, o que nos faz crer que João Ricardo Lopes assuma uma sintaxe rítmica de contenção que não exorbita de um estilo sóbrio mas que simultaneamente se assume como uma voz inquieta:

*o que pode acontecer-nos
quando estas palavras se tornarem demasiado ocas
e este combate demasiado inútil?
perguntamos:
de que morte morre o homem?
de que morte morre o poeta?*

Ou então quando João Ricardo Lopes nos diz: *bebemos o travo do silêncio sem amor/ os livros que seguramos entre as mãos não têm título nem peso...*

Este **contra o esquecimento das mãos** veio-nos confirmar o talento poético de João Ricardo Lopes e nos sussurrar ao ouvido que há poetas e há versejadores.

Sebastião Monteiro (Braga, 2002)